

AGROSOFIA: O CICLO DA MENTE QUE GERENCIA A SI MESMA

Parar, nomear, escolher e cultivar para colher: as quatro estações da agricultura interior

Ainor Francisco Lotério

RESUMO. O artigo propõe o autogoverno da mente como ciclo cultivável, e não como traço temperamental, transpondo para a vida interior a lógica das estações agrícolas. Quatro movimentos estruturam a proposta: parar, nomear, escolher e cultivar para colher. A fundamentação articula a filosofia clássica, a tradição estoica, a psicologia contemporânea e a teologia bíblica com os conceitos de Agrosafia, Motivação Racional, Inteligência Orientada, Pedagogia da Ausência e Ciclomotivação, desenvolvidos pelo autor. Ao final, o ciclo é aplicado a três territórios concretos: a liderança cooperativista, a sucessão familiar e a longevidade.

PALAVRAS-CHAVE: Agrosafia. Autogoverno. Motivação Racional. Cooperativismo. Longevidade.

“Como cidade derrubada, sem muros, assim é o homem que não tem domínio sobre o próprio espírito” (Pr 25,28).

1 INTRODUÇÃO: A MENTE TAMBÉM TEM SAFRA

Nada germina na agitação constante. Quem nasceu no campo sabe disso antes de aprender qualquer teoria, porque viu o pai esperar a chuva passar para entrar na lavoura e viu a terra descansar em pousio justamente para voltar fértil. A cultura contemporânea, no entanto, educou uma geração hábil em responder e inábil em decidir, capaz de reagir em segundos e incapaz de sustentar um propósito por estações inteiras. O resultado aparece no adoecimento mental, na volatilidade das lideranças, na fragilidade das relações de trabalho e naquele esgotamento silencioso que atravessa cooperativas, empresas familiares e instituições públicas.

A tese deste artigo é simples e exigente ao mesmo tempo: o autogoverno da mente não é um dom concedido a poucos temperamentos afortunados, é um ciclo cultivável, submetido às mesmas leis que regem o ciclo agrícola, tempo, atenção, seleção, constância e colheita. Onde a psicologia contemporânea fala em autorregulação e a tradição filosófica fala em temperança, a Agrosafia propõe uma linguagem terceira, nascida do solo, capaz de devolver ao homem apressado a percepção de que também a mente tem safra, entressafra e pousio.

A escolha da metáfora agrícola não é ornamento literário. Ela funciona como instrumento cognitivo, porque quem compreende que a semente não germina sob pressão compreende também por que a mente não amadurece sob ruído. A Agrosafia é o quanto a terra ensina, ao passo que a Agroteologia pergunta por Quem ensina através dela, distinção que o autor desenvolveu ao mostrar que a agricultura foi a primeira escola de louvor, de gratidão e de corresponsabilidade humana (LOTÉRIO, 2026a).

2 PARAR: A PAUSA DA TERRA

Parar é o ato de silenciar o ruído externo para observar o solo do pensamento. Assim como o agricultor não semeia durante a tempestade, a mente orientada para o autocontrole interrompe o impulso imediato para não reagir no caos. É o instante de pausar as máquinas internas e reconhecer que o domínio próprio começa na capacidade de não se deixar arrastar pelo ambiente.

O fundamento filosófico dessa pausa é antigo. A tradição estoica ensina que entre o que depende de nós e o que não depende existe uma fronteira, e que toda a liberdade humana habita do lado de cá dessa linha. Epicteto formula a distinção com clareza cortante ao afirmar que dependem de nós o juízo, o impulso e o desejo, enquanto não dependem de nós o corpo, a reputação e as circunstâncias (EPICTETO, 2008). Marco Aurélio prolonga o mesmo raciocínio quando lembra que a força reside na capacidade de reconhecer que a perturbação não vem das coisas, mas do julgamento que delas fazemos (MARCO AURÉLIO, 2012).

A psicologia contemporânea reencontrou a mesma fronteira por outro caminho. Kahneman descreve dois sistemas de pensamento, um rápido, automático e associativo, outro lento, deliberado e custoso, e demonstra que grande parte dos erros humanos nasce da entrega do volante ao sistema automático em situações que exigiriam o sistema deliberado (KAHNEMAN, 2012). Parar é exatamente a manobra que transfere o comando de um sistema para o outro. Frankl, por sua vez, situa nesse mesmo intervalo o núcleo da dignidade humana, ao sustentar que a última das liberdades consiste em escolher a própria atitude diante de qualquer conjunto de circunstâncias (FRANKL, 2008).

A sabedoria popular brasileira nomeou esse espaço interior com uma expressão de rara precisão. Falar com os próprios botões descreve a antessala da palavra responsável, aquele território inviolável em que a pessoa organiza sentimentos e pensamentos antes de se expor, e que Platão já descrevia como o diálogo silencioso da alma consigo mesma (LOTÉRIO, 2026b). Numa cultura de exposição impulsiva, esse recolhimento prévio deixa de ser timidez e passa a ser método.

Byung Chul Han oferece o diagnóstico do adoecimento contemporâneo quando descreve a passagem da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho, na qual o sujeito deixa de ser explorado por outro e passa a explorar a si mesmo até o esgotamento (HAN, 2015). Nessa paisagem, parar tornou-se ato de resistência. O pousio da terra, que ao olhar apressado parece improdutivo, é na verdade o tempo em que a fertilidade se refaz.

3 NOMEAR: O RECONHECIMENTO DA SEMENTE E DA PRAGA

Não se maneja o que não se conhece. Todo trabalho agrônomo sério começa pelo diagnóstico, jamais pela aplicação. Nomear é examinar a própria terra mental e dar nome exato ao que nela brota, a erva daninha do estresse, a praga do descontrole, a semente da prudência. Ao rotular claramente a emoção ou a provocação, o cultivo da consciência substitui a ilusão. O homem que nomeia seus sentimentos retoma as rédeas do próprio território, separando o que foi passivamente recebido daquilo que é fruto de suas escolhas.

Goleman situa a autoconsciência como a primeira das competências emocionais, precisamente porque nenhuma das demais se sustenta sem ela, e observa que a capacidade de identificar o que se

sente no momento em que se sente é o alicerce de toda gestão emocional posterior (GOLEMAN, 2011). A tradição espiritual cristã havia estruturado a mesma prática sob o nome de exame de consciência, exercício diário de revisão em que o discernimento nasce da nomeação honesta dos movimentos interiores.

Nomear também é o antídoto contra a confusão entre pessoa e opinião. Há duas perguntas que parecem iguais e não são: uma indaga o que penso sobre determinado assunto, a outra indaga quem eu sou. Confundi-las produz o debate ferido, no qual toda divergência de ideia é lida como agressão à identidade, e a discrição como método consiste justamente em responder pelas ideias e não pela própria imagem (LOTÉRIO, 2026c). Quem sabe nomear o que pensa protege o que é.

Aristóteles fornece a base para essa operação ao definir a virtude como disposição adquirida que escolhe o meio-termo em relação a nós, determinado pela razão, tal como o determinaria o homem prudente (ARISTÓTELES, 2014). Não existe meio-termo sem medida, e não existe medida sem nome. Chamar o excesso de excesso e a falta de falta é a operação elementar de toda prudência prática.

4 ESCOLHER: O PLANTIO DELIBERADO

Com a terra firme e o diagnóstico feito, ocorre a tomada de decisão consciente. Escolher não é reagir ao clima das circunstâncias, é selecionar a semente certa para o objetivo pretendido. Trata-se da manifestação concreta do livre-arbítrio e da liderança pessoal: definir qual atitude será semeada, rejeitar o piloto automático e assumir a responsabilidade total pelo que se coloca no solo da própria vida.

O obstáculo aqui não é a ignorância do bem, é a distância entre o querer e o fazer. Paulo formulou o drama antropológico de modo definitivo ao reconhecer que não faz o bem que quer e faz justamente o mal que não quer (Rm 7,15), aquilo que os gregos chamaram de akrasia e que atravessa famílias, empresas e instituições. O problema raramente reside na ausência de bons princípios, reside na ausência de mediação prática entre o princípio proclamado e o gesto executado (LOTÉRIO, 2026d).

É nesse ponto que se torna necessária a Motivação Racional. A empolgação puramente emocional evapora com a mesma velocidade com que chegou, porque não se sustenta em razão suficiente. A motivação duradoura nasce da compreensão do porquê, do método que organiza o percurso e da decisão fundamentada que resiste quando o entusiasmo se retira. A ela se soma a Inteligência Orientada, faculdade de dirigir a capacidade cognitiva disponível para um fim escolhido, evitando que a inteligência se disperse em muitas direções e não chegue a nenhuma.

Tomás de Aquino oferece a arquitetura clássica dessa operação ao situar a temperança como a virtude que ordena os apetites sensíveis segundo a razão, e ao mostrar que a escolha reta pressupõe o juízo prudente que a precede (TOMÁS DE AQUINO, 2005). No campo, o princípio é evidente para qualquer criança: o mato cresce sozinho e a boa cultura exige intenção. Nenhuma lavoura de qualidade jamais brotou por acaso.

5 CULTIVAR PARA COLHER: O CUIDADO SUSTENTADO E A ABUNDÂNCIA

Nenhum fruto amadurece sem a pedagogia do tempo e da constância. Cultivar é a prática diária do autocontrole, regar a mente com firmeza, eliminar as distrações e proteger as decisões tomadas contra as intempéries externas. Quem cultiva com disciplina a clareza interior e a compostura inevitavelmente colhe a paz, a sabedoria nas relações e a autonomia sobre o próprio destino.

A tradição bíblica associa esse cuidado sustentado ao fruto do Espírito, entre os quais figura explicitamente o domínio próprio (Gl 5,22-23), e a parábola do semeador oferece a chave hermenêutica de todo o ciclo, porque nela a mesma semente encontra destinos diversos conforme a condição do solo que a recebe (Mt 13,3-9). O problema, portanto, raramente está na semente, quase sempre está no preparo do terreno.

A colheita alimenta a nova semeadura, e esse movimento circular é o que a Agrosafia denomina Ciclomotivação. Não se trata de acumular resultados, trata-se de reconhecer que cada colheita bem conduzida devolve sementes melhores para a estação seguinte, ao passo que a colheita predatória esgota o solo e compromete safras futuras. A motivação sustentável obedece à mesma lei que rege a fertilidade da terra.

O cultivo maduro inclui ainda uma sabedoria contraintuitiva: saber retirar-se. A presença excessiva de quem lidera sombreia o crescimento dos demais, exatamente como a copa densa impede que a luz alcance o sub-bosque. A Pedagogia da Ausência descreve essa retirada deliberada e comunicada da autoridade, praticada não por descuido, mas por método, para que o outro amadureça a própria autonomia (LOTÉRIO, 2026d). Cultivar não é intervir sempre, é intervir na medida.

6 O CICLO APLICADO: COOPERATIVA, FAMÍLIA E LONGEVIDADE

Na liderança cooperativista, o dirigente que não para não escuta, e o que não escuta acaba decidindo sozinho aquilo que a doutrina exigia decidir em conjunto. O recolhimento prévio qualifica o debate em assembleias, conselhos e diretorias, porque transforma opinião apressada em juízo fundamentado. Uma reunião na qual todos chegaram sem ter falado antes com os próprios botões é uma reunião condenada ao ruído.

Na sucessão familiar, nomear é o movimento decisivo. Conflitos não nomeados são pragas transmitidas junto com a lavoura, e a herança que se recebe carregada de silêncios acumulados adoece antes de produzir. A sucessão bem conduzida deixa de ser partilha de patrimônio e se torna transmissão de responsabilidade, o que exige dos mais velhos a coragem de escolher e a humildade de se ausentar.

Na longevidade, o ciclo revela sua face mais severa e mais consoladora. A colheita tardia depende inteiramente da qualidade daquilo que foi semeado nas décadas anteriores, e nenhuma pressa final compensa o que não foi cultivado a tempo. Envelhecer bem não é conservar o que se tinha, é descobrir que o que muda com a idade não é o afeto de Deus, é a queda daquilo que nos distraía dEle (LOTÉRIO, 2026e). O desapego funcional que a maturidade impõe é, no vocabulário agrícola, uma poda.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parar, nomear, escolher e cultivar para colher não constituem quatro técnicas isoladas, constituem as quatro estações de uma única agricultura interior. Quem suprime a primeira semente na tempestade. Quem suprime a segunda maneja sem diagnóstico. Quem suprime a terceira entrega a lavoura ao acaso do que o vento trouxer. Quem suprime a quarta planta e não volta, e depois se admira de não colher.

A promessa deste ciclo é modesta em cada etapa e vasta no conjunto. Ele não elimina a tempestade, não extingue a praga, não abrevia o tempo de germinação. Devolve apenas ao homem aquilo que a pressa lhe havia tomado, a condição de agricultor da própria vida interior. Plantar uma árvore cuja sombra outro vai usar tem um nome teológico preciso, e esse nome é esperança.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Edson Bini. 4. ed. São Paulo: Edipro, 2014.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

EPICTETO. **Manual de Epicteto**. Tradução de Aldo Dinucci e Alfredo Julien. São Cristóvão: Editora UFS, 2008.

FRANCISCO, Papa. **Carta encíclica Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum**. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

HAN, Byung Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

KAHNEMAN, Daniel. **Rápido e devagar: duas formas de pensar**. Tradução de Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Agroteologia: o chão também é altar**. Camboriú, 15 ago. 2026a. Disponível em: <https://loterio.com.br/agroteologia-o-chao-tambem-e-altar/>. Acesso em: 20 ago. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Falar com os próprios botões: a sabedoria popular da interioridade e a pedagogia do silêncio deliberativo**. Camboriú, 18 ago. 2026b. Disponível em: <https://loterio.com.br/falar-com-os-proprios-botoes-a-sabedoria-popular-da-interioridade-e-a-pedagogia-do-silencio-deliberativo/>. Acesso em: 20 ago. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **O que se pensa e o que se é: a descrição como método, por que responder pelas ideias e não pela própria imagem**. Camboriú, 18 ago. 2026c. Disponível em: <https://loterio.com.br/o-que-se-pensa-e-o-que-se-e-a-discricao-como-metodo-por-que-responder-pelas-ideias-e-nao-pela-propria-imagem/>. Acesso em: 20 ago. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **A hesitação fértil: o conflito entre intenção e prática através da Motivação Racional**. Camboriú, 18 ago. 2026d. Disponível em: <https://loterio.com.br/a-hesitacao-fertil-o-conflito-entre-intencao-e-pratica-atraves-da-motivacao-racional/>. Acesso em: 20 ago. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **O que muda com a idade não é o afeto de Deus, é a queda do que nos distraía dEle**. Camboriú, 16 ago. 2026e. Disponível em: <https://loterio.com.br/o-que-muda-com-a-idade-nao-e-o-afeto-de-deus-e-a-queda-do-que-nos-distraia-dele/>. Acesso em: 20 ago. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **O tempo de observar: é chegado o tempo em que nada precisa cobrar**. Camboriú, 15 ago. 2026f. Disponível em:

<https://loterio.com.br/o-tempo-de-observar-e-chegado-o-tempoem-que-nada-precisa-cobrar/>. Acesso em: 20 ago. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Quem não lê, mora na casca: produzir mais do que se lê é viver de aparência.**

Camboriú, 16 ago. 2026g. Disponível em:

<https://loterio.com.br/quem-nao-le-mora-na-casca-produzir-mais-do-que-se-le-e-viver-de-aparencia/>. Acesso em: 20 ago. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Por que às vezes nos falta a motivação?** Camboriú, 18 ago. 2026h. Disponível em:

<https://loterio.com.br/por-que-as-vezes-nos-falta-a-motivacao/>. Acesso em: 20 ago. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Em construção: a metamorfose do ser diante das ruínas do tempo.** Camboriú, 16 ago.

2026i. Disponível em: <https://loterio.com.br/em-construcao-a-metamorfose-do-ser-diante-das-ruinas-do-tempo/>.

Acesso em: 20 ago. 2026.

MARCO AURÉLIO. **Meditações.** São Paulo: Montecristo, 2012.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma teológica.** São Paulo: Loyola, 2005.

SOBRE O AUTOR

Aínor Francisco Lotério é palestrante, Engenheiro Agrônomo, Bacharel em Filosofia e em Teologia e Mestre em Gestão de Políticas Públicas. Diácono Permanente da Igreja Católica, ordenado em 2022, atuou por mais de quatro décadas na extensão rural pela Acaresc, Emater/SC e Epagri, onde exerceu a direção estadual, foi Prefeito de Camboriú, assessor legislativo e consultor em cooperativismo. Criador da Agrosafia e da Agroteologia, mantém o Sítio Agrosafia, na Comunidade Rural do Braço, em Camboriú, Santa Catarina, como laboratório vivo dessas duas linhas de pensamento. Autor de quatro livros, desenvolve os conceitos de Motivação Racional, Inteligência Orientada, Pedagogia da Ausência e Ciclotivação. Contato: ainorfloterio@gmail.com, WhatsApp (47) 99967-5010, www.ainor.com.br e www.loterio.com.br.